

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

27 de Dezembro de 2021

SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND: CAMINHOS PARALELOS

## JEAN DE FLORETTE / 1986

Um Filme de Claude Berri

Realizador: Claude Berri / Argumento: Claude Berri, Gérard Brach, baseado no romance "L'eau des Collines", de Marcel Pagnol / Diretor de Fotografia (35mm, cor): Bruno Nuytten / Cenários: Olivier Coutagne, François Dariani, Françoise Doré / Guarda-roupa: Sylvie Gautrelet / Música: Maurice Guis, Toots Thielemans, Jean-Claude Petit, Giuseppe Verdi / Montagem: Nèlle Boissin, Sophie Coussein, Hervé de Luze, Jeanne Kef, Arlette Langmann, Corinne Lazare, Catherine Serris / Som: Eric Mauer / Interpretação: Yves Montand (Cesar Soubeyran), Gérard Depardieu (Jean de Florette), Daniel Auteuil (Ugolin), Elisabeth Depardieu (Aimee Cadoret), Margarita Lozano (Baptistine) e outros.

Produção: DD Productions, Films A2, RAI Radiotelevisione Italiana, Renn Productions, Télévision Suisse-Romande (TSR) / Produtores: Pierre Grunstein, Alain Poiré / Cópia: da Cinemateca Portuguesa (35mm), versão original com legendas em português / Duração: 121 minutos / Estreia Mundial: França, 27 de Agosto de 1986 / Estreia em Portugal, 29 de Abril 1988 / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

**Jean de Florette e Manon des Sources** são por excelência exemplos de filmes *Heritage*, nos quais Claude Berri se assume como o herdeiro de Marcel Pagnol e se aproxima do seu lirismo popular através de uma adaptação cine-literária: *L'eau des Collines* obra que terá surgido através do filme **Manon des Sources**, de 1952, transposto 10 anos mais tarde para um romance ao qual, não satisfeito, Pagnol acrescentou a prequela *Jean de Florette*. Considerando-o um "romance de cineasta", Berri evidencia a fidelidade com que cuidou esta história, chegando mesmo a afirmar "c'est Pagnol filmé para Berri". Apesar de algumas críticas de academismo, esta literalidade tem uma explicação que transcende a sua estética e o "fator Pagnol" terá sido mesmo um dos fortes motivos para o grande sucesso que os dois filmes alcançaram nas bilheteiras, já que adaptação literária e o retorno ao estilo do cinema francês dos anos 50 eram características próprias do cinema *Heritage*, cujo modelo de produção, revelador dos sintomas da crise pela qual passou a realidade do cinema francês dos anos 80, se dirigia para fins estrategicamente comerciais. Este género cinematográfico foi desenvolvido nesta década como forma de enfrentar a pesada rutura de assistências de filmes francês em favor do cinema americano. Uma liberação do mercado cinematográfico fomentou o aumento de coproduções, assim como a fundação de sistemas de empréstimo próprios através dos SOFICA (sociétés pour le financement de l'industrie cinématographique et audiovisuelle), que administravam os investimentos privados destinados ao cinema e à sua maior integração no crescente espaço televisivo,

permitiram a realização de esforços económicos sem precedentes, e privilegiaram projetos de grande orçamento que celebrassem os valores tradicionais e locais franceses.

Neste contexto, **Jean de Florette** suscita a nostalgia do cinema do passado, mas também do retorno à tradição das comunidades rurais e pré-industriais e à ligação com a natureza, introduzindo o espectador na beleza da paisagem da *Provence* francesa, esplendorosamente enquadrada por Bruno Nuytten. O elevado orçamento do filme é também visível no elenco de luxo, composto pelas vedetas Yves Montand, Gerard Depardieu e Daniel Auteuil, assim como na explícita dedicação ao guarda-roupa e aos adereços. O filme revolve-se em torno da pertença à terra e à natureza apresenta um conflito entre duas maneiras diferentes de a viver. Yves Montand interpreta, num dos seus últimos papéis, o calculismo de Cesar Soubeyrant, um agricultor e proprietário que, com o sobrinho Ugolin, representado por Daniel Auteuil, tem o objetivo de enriquecer através da plantação de cravos. O pragmatismo ganancioso de Montand é confrontado a aparição de um sonhador e carismático Gerard Depardieu, aqui no papel de Jean Cadoret, homem citadino que se muda com a mulher (Elisabeth Depardieu) e com a filha (Ernestine Mazurowna) para o campo que Soubeyran quer ocupar. Com o sonho de regressar às raízes e poder viver da terra, e ignorante das falsas intenções dos dois camponeses, Cadoret exprime-se num idealismo naturalista que sublinha a importância espiritual da relação com o campo, comparando a sua quinta ao "Paradou de Zola", e afirmando que "só o homem da natureza é feliz". A trama surge com a conspiração de Soubeyrant e Ugolin, que bloqueiam a nascente que irrigaria os terrenos de Cadoret, provocando uma seca que ditará a sua ruína.

Apesar da tendência melodramática do filme remeter a causalidade narrativa para uma continuidade relativamente fechada, Berri consegue expandir o seu horizonte ao transmitir uma visão crítica, embora neutra e não moralista da incomunicabilidade existente entre as duas perspetivas antagónicas apresentadas, visão que se consubstancia nos contornos épicos numa questão universal, a da luta do homem contra a falta de água. Aqui, a universalidade do tema da seca é, literal e figurativamente, o ponto vital do filme na medida em que reflete não só um problema real como, e mais do que tudo, suscita uma violenta asserção sobre a inevitável fragilidade humana e a rutura com a natureza, face à predominância da ganância sobre a integridade pessoal e espiritual. A relação dos camponeses com o Jean de Florette resume-se, ao longo do filme, ao estabelecimento de um clima de passividade cínica e dissimulada, em que a má-fé e força desmotivadora se misturam com uma ingenuidade que vai da sensibilidade dupla de Auteuil à inocência idealista de Depardieu.

É a presença e a consciência da pequenina Manon, que prefiguram a importância que irá ter na sequela **Manon des Sources**, que formulam a síntese desta questão. Repare-se como os enquadramentos, filmados sempre à sua altura, mesmo nos planos de conjunto, como os da sequência da aldeia em que os três são ostracizados pela população local, a colocam subtilmente num mundo próprio, separado, que se desvia da visão subjetiva das restantes personagens e reflete uma relação direta com os acontecimentos. O seu silêncio, esse sim, talvez seja o que no filme há de mais próximo com a realidade da natureza.